

**PROTAGONISMO FEMININO NOS QUADRINHOS: REPRESENTAÇÃO,  
FEMINISMO E SUPER-HERÓIS.**

Beatriz Miranda  
Otoniel Lopes de Oliveira

Graduanda em Design na Universidade do Estado do Pará, Belém, Brasil  
Mestre em Comunicação, Cultura e Amazônia pela Universidade Federal do Pará,  
Belém, Brasil

**RESUMO**

O presente estudo abordará a forma como os quadrinhos, como um produto concernente da indústria cultural (MCLUHAN, 2006) são marcados, ao longo de sua história de pouco mais de cem anos, por protagonistas masculinos em tramas que evidenciam uma fantasia de poder (CIRNE, 2012). Esse preceito, ainda hoje bastante difundido, reflete uma recorrência discursiva que coloca no centro da narrativa a figura masculina, relegando a mulher, salvo algumas pontuais exceções, o papel de coadjuvante, interesse amoroso ou mesmo de prêmio para o protagonista homem (MADRID, 2013). Com a chegada de debates feministas durante todo o século XX e XXI, desmistificou-se a feminilidade e o símbolo do feminino criado pela sociedade (BLUTLER, 2009), da mesma forma, a representatividade feminina nos quadrinhos mudou: do papel secundário e frágil, para o protagonismo; da representação superficial e fetichista, para o empoderamento e a complexidade e abrangência de temas (OLIVEIRA, 2007). Tal perspectiva no entanto só será possível com a análise de três protagonistas femininas no gênero de super-heróis dos comics americanos, todas com histórias publicadas nos anos recentes no Brasil: A Mulher Maravilha década de 40, a Mulher Invisível do Quarteto Fantástico dos anos 80 e a versão feminina do Thor, encarnado pela Jane Foster nos anos de 2010. Essa mudança da relevância feminina, mais do que somente um entendimento por uma mudança social, também é uma fonte de análise e entendimento do zeitgeist que vivemos (HEGEL, 2001).

**PALAVRAS-CHAVE:** quadrinhos; representação feminina; feminismo.

**ABSTRACT**

The present study will address how comics, as product of the cultural industry (MCLUHAN, 2006) are marked, throughout their history of just over a hundred years, by male protagonists in plots that puts in evidence a fantasy of power (CIRNE, 2012). This precept, still broadcasted today, reflects a discursive recurrence that puts the male figura in the center of the narrative, relegating the woman, save for some occasional exceptions, the role of supporting, love interest or even prize for the male protagonist (MADRID, 2013). With the arrival of feminist debates throughout the XX and XXI century, femininity and the symbol of feminine created by society were demystified (BUTLER, 2009), in the same way, female representativeness in comics changes: from the secondary and fragile role, for the protagonism; of superficial and fetishistic representation, for empowerment and the complexity and range of themes (OLIVEIRA, 2007). Such a perspective, however, will only be possible with the analysis of three female protagonists in the american superhero comics genre, all with stories published in recent years in Brazil: The Wonder Woman in the '40s, the Invisible Woman of the 80s Fantastic Four and the feminine version of Thor, embodied by Jane Foster in the years of 2010. This change in feminine relevance, rather than just an understanding of social change, is also a source of analysis and understanding of the zeitgeist we live in (HEGEL, 2001).

**KEYWORDS:** comics; female representation; feminism.

## **INTRODUÇÃO**

Ao mesmo tempo que os quadrinhos constroem uma realidade alternativa fantasiosa, ele estabelece fortes ligações com a realidade refletindo construções sociais, valores e normas de conduta, funcionando como extensão do “eu” daquele que o produz. Desta forma ele afirma-se como um meio de reproduzir mensagens, como tantos outros da indústria cultural.

Considerando o estudo de história em quadrinhos norte-americana de super heróis, busca-se analisar como ela, um produto parte da cultura de massa têm um grande papel na disseminação deste valores, desde o começo de sua história, com o surgimentos dos primeiros super-heróis e como estes refletem, principalmente de forma pictórica, a fantasia de poder masculina, gerada pela construção social de “homem” e “mulher”, construção que só foi questionada com a chegada do Feminismo, permitindo o surgimento de super-heroínas que fogem do padrão determinado como feminino.

## **FANTASIA DE PODER, QUADRINHOS E INDÚSTRIA CULTURAL**

A construção binária dos sujeitos homem e mulher é fortemente marcada por um meio discursivo/cultural definido como gênero, esse por sua vez institui a seus

protagonistas “atos” do que é definido como masculino e feminino, cabendo a essa performance cisões, paródias de si, auto crítica e até apresentações hiperbólicas do que seria natural da heterossexualidade, revelando um status fantástico (BUTLER, 2009). Ainda que crucial para normatizar as construções de homem e mulher, não se pode deixar de fora questões de raça, etnicidade e religião, contudo esses aspectos não serão aqui abordados.

A questão de gênero, amplamente estudada pelo Feminismo, promove um discurso que constroem homens e mulheres como indivíduos diferentes, também “os posiciona como sujeitos de maneiras diferentes” (MOORE, p.26) de acordo com o conjunto de atributos que significam o “masculino” e o “feminino”, em que normalmente, o discurso dominante proferido pelo homem categoriza, segundo Beauvoir (1961), a mulher como o Outro.

Essa normatização do “masculino” e “feminino” é refletida principalmente como valores estéticos em histórias em quadrinhos, os quais são reflexos de normas do imaginário do cotidiano de maneira exacerbada e fantasiosa, fortemente ligada a dominação de gênero e raça de pessoas brancas (MOORE, p.32). Construções sociais que definem os homens como seres fortes e dominantes frente à mulher, tomam corpo e são de maneira geral altamente disseminados e sofrem glamourização pelas mídias.

A indústria cultural, como um modo de fazer cultura, ligado a produção industrial de massa, é até hoje um elemento importante para que essas construções sociais sejam difundidas em larga escala. Ao longo dos anos os padrões de masculinidade e feminilidade sofreram transformação, mas seu princípio permaneceu: homens dominantes x mulher objetos de dominação. Esse estereótipo é bastante presente na construção de personagens como James Bond, um homem caucasiano, dominador, forte, violento, inteligente e que possui várias mulheres, isso é visível em pôsteres de seus filmes, como os da década de 1960, onde a presença de mulheres serve apenas como plano de fundo para o grande exemplo da fantasia de poder masculina, o agente secreto britânico.

Assim como o cinema e a imprensa, os quadrinhos cumprem essa função de transmitir estereótipos, a fantasia de poder presente nestes quadrinhos norte-americanos, resume-se a super heróis com corpo mesomorfos, caucasianos, inteligentes, ricos, viris, com força física, poder econômico, racionais além de leais, enquanto cabia às mulheres, ainda como as mulheres de James Bond, serem suas belas figurantes, sem muito apelo na história. Contudo esta realidade muda com a chegada de movimentos feministas, os quais questionaram essa simbologia de gênero e solicitam uma representatividade mais coerente das mulheres nos meios de comunicação.

É a partir de questionamentos e reivindicação da mulher, para ser representada como um ser humano e não objeto de desejo, que mudanças na cultura de massa e nas histórias em quadrinhos começaram a acontecer. Ao longo das décadas o movimento feminista

conseguiu avançar na busca por direitos iguais para as mulheres e a redesenhou, não mais como coadjuvante, mas como protagonista de sua própria história.

## **FEMINISMO: QUESTIONANDO ESTEREÓTIPOS**

O Feminismo como movimento, consolidou-se no século XX ainda que a luta pela igualdade de direitos já ocorrera no século XIX durante a Revolução Francesa. Esse movimento bastante popular hoje, começou por meio de questionamentos íntimos, até tomar visibilidade nas ruas e contestar tudo aquilo dito como normas sociais,

[...] o movimento foi muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía mulheres do mundo político - portanto, dos direitos como cidadã - e também as propostas revolucionárias, que viam nas mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação (PINTO, 2003, p. 9).

A busca pela libertação feminina, como é posta pela autora, não terminou, pois ao longo dos anos, novos questionamentos são levantados sobre os direitos da mulher e principalmente o reconhecimento de sua pluralidade. Os diferentes questionamentos ligados ao movimento durante os anos, foram separados em ondas, a primeira onda refletida no sufrágio feminino; a segunda onda reflete um questionamento sobre o direito ao corpo, prazer e contra o patriarcado; a terceira trás à tona questões de raça, religião, classe e localidade (PEDRO, 2015), atualmente a quarta onda utiliza-se do ciberespaço para reforçar a não-discriminação (FONSECA, 2016, p. 20).

A primeira onda do Feminismo se iniciou no final do século XIX e início do século XX, na Inglaterra mediante a luta pelo direito político da mulher votar e ser votada (o sufrágio), ficando conhecida também como Movimento Sufragista, foi a primeira ação a organizar o feminismo como um movimento (PINTO, 2003, p. 13). Apesar de não haver na época um posicionamento feminista das mulheres que participaram desta luta, seu engajamento abriu novas discussões sobre o papel da mulher na sociedade, regularmente dita como subordinada ou como objeto de posse masculina.

Os questionamentos e reivindicações sufragistas não foram bem aceitos de maneira geral, o que ficou bem claro na representação midiática dessas mulheres. Na tentativa de diminuir o movimento, os meios de comunicação em massa produziram cartazes e cartões postais disseminando um estereótipo de mulher sufragista como “feia”, “masculinizada” e “violenta”, características femininas contrárias às aceitas socialmente. Em contrapartida, a cartunista e ilustradora Nell Brinkley, adepta ao movimento, retrata sufragistas como divindades gregas, simbolizando esperança. Diferente do disseminado pelas massas, a

cartunista muda o posicionamento da mulher como um ser inferior, descontrolado e concede a ela a fantasia de poder.

Na chamada segunda onda feminista, iniciada no mundo pós guerra, lutou-se contra o poder dos homens e a subordinação das mulheres, o direito ao seu corpo, prazer e contra o patriarcado, é nesta época que se cria a categoria “gênero”, passando a ser atribuída a luta feminista. Nesta época o movimento teve como eixo “A mística feminina”, de Betty Friedan, e “O segundo sexo” por Simone de Beauvoir, as autoras questionaram a universalidade social masculina. Um exemplo dessa universalidade contestada é a utilização do pronome masculino para referir-se a todas as pessoas, e como essa universalização da palavra reflete em questões sociais quando o homem em seu estado de poder normatizado decide quando o casal deve ter filhos ou não, não é delegado a mulher o poder sobre seu próprio corpo (PEDRO, 2005, p.79).

Ainda que na época, houvessem questionamentos sobre a condição feminina, Lois Lane representou nos quadrinhos o ideal feminino da época, o estereótipo da comportada dona de casa, que era bonita, frívola jovem e com comportamento quase infantil (Friedan, 1971). Não apenas nesta edição número 19 de “A namorada de Super-Homem: Lois Lane” de Kurt Schaffenberger, mas em diversas outras, a jornalista deixa de lado sua profissão para dar foco ao Super-Homem, aquele que representa a fantasia de poder masculino, um homem com super-poderes, fisicamente forte, caucasiano e patriarca (norte-americano). Muito do discurso por trás deste quadrinho se deve ao “Código de Ética dos Quadrinhos”, que barrava qualquer quebra de conduta, entretanto houveram personagens como a Batgirl que não tinha nenhum interesse amoroso, seu interesse estava apenas em resolver crimes (MADRID, 2009).

Posteriormente, no final da década de 80 e início da de 90 houve uma nova fase do Feminismo, a categoria “mulher” foi desconstruída como “um sujeito coletivo unificado que partilha as mesmas opressões, os mesmos problemas e as mesmas histórias” (BEDIN; CITTADINO; ARAÚJO, 2015, p.337), nessa época questões de raça, classe, nacionalidade e religião passaram a ser discutidos como fatores que contribuem também para opressão e limitação da mulher, a partir desses questionamentos dos movimentos pós-modernistas, inicia a terceira onda do Feminismo.

Na década de 80, um dos grandes nomes do Feminismo volta com o lançamento de seu livro *Mulheres, Raça e Classe*, dando visibilidade para as questões da mulher negra, Angela Davis tornou-se porta voz de uma causa invisibilizada pela hegemonia branca. Nos quadrinhos personagens que representavam essa causa, como *Tempestade* (*Storm* de Len Wein e Dave Cockrum, 1980) ganharam destaque, além dela surge com um quadrinho solo, *Martha Washington*, de Frank Miller. A última, personifica a fantasia de poder masculina representada por Rambo, um herói branco que une justiça e violência (RODRIGUES, 2013,

p.105), e a partir disso é construída uma personagem disciplinada e subordinada ao seu primeiro oficial superior - de família branca, que supostamente, tem como intenção denunciar a política racista-norte americana (OLIVEIRA, 2007, p.120).

Mas recente, inicia a chamada quarta onda feminista a partir da vivência de meninas e mulheres do Terceiro Mundo (Cone Sul), com o intuito de aproximar o Feminismo acadêmico das realidades destas mulheres, que são afetadas pelas hierarquias de raça, gênero e classe. Mesmo que sejam questionamentos já levantados, eles eram exclusivos de mulheres da europa e américa do norte, conseqüentemente a mulher latina estaria a margem do movimento. Com essas novas demandas houve destaque para o feminismo interseccional, que converge “sexo, gênero, raça, classe, exploração econômica - frutos do capitalismo global -, em busca de justiça social” (FONSECA, 2016, p. 20). Além disso junto ao movimento surge o ciberativismo, que possibilita uma sociabilidade entre mulheres tornando-se suporte para suas reivindicações.

Em conjunto a esses novos questionamentos do feminismo interseccional, outras minorias usaram as redes sociais para reivindicar mais representatividade nos quadrinhos, o que acabou resultando na criação de novos personagens e redesign de outros. Um dos destaques é a personagem America Chavez, uma super-heroína latina, lésbica, criada por duas mães, também chamada de Miss America, que estreou esse ano como líder dos Supremos (GAROTAS GEEKS, 2016). Diferente dos exemplos de super-heroínas anteriores, América é escrita por uma mulher - também latina e lésbica - o que minimiza a reprodução de estereótipos de fantasia de poder (ainda que a personagem seja desenhada por um homem) pois a história é traçada por alguém que faz parte da minoria abordado na história em quadrinho, tornando seu universo verossímil.

## **MULHER-MARAVILHA, MULHER INVISÍVEL, THOR E O FEMINISMO**

O protagonismo feminino nos quadrinhos mudou ao longo do tempo, principalmente para acompanhar as novas necessidades e responder questionamentos de seu público, além da sociedade como um todo. Tendo em vista essa premissa, o Feminismo deu alicerce para a criação e adequação de super-heroínas no mundo dos quadrinhos, dentre elas destacam-se a Mulher-Maravilha da década de 1940, a Mulher-Invisível de 1980 e a Thor de 2017, personagens que quebram com o padrão social, a fantasia de poder masculina.

A primeira super-heroína dos quadrinhos, a Mulher-Maravilha, surge em 1941 pelo teórico pró-feminismo William Moulton Marston, o qual influenciado pela primeira onda do feminismo, acreditava na criação de uma protagonista que servisse como modelo para mulheres da época, mostrando por meio dela qualidades do sexo feminino, antes

representadas de forma secundária em outras heroínas frente a força do Super-Homem e o estereótipo de beleza feminina da época (OLIVEIRA, 2007).



Figura 1 – “A mão de Diana fecha como um grampo de aço no punho do bandido” detalhe da Mulher-Maravilha na Sensation Comics por Charles Moulton.

Fonte: MOULTON, Charles. 101 Wonder Woman: Sensation Comics #1. Disponível em: <<https://www.comixology.com/comic-reader/6179/10279>>. Acessado em 10 ago 2017.

A aparição de Diana nos quadrinhos quebrou o estereótipo da mulher “com força inferior a do homem”, em inúmeras cenas sua força é exaltada (Figura 1), comparando-a a aço, assim como sua facilidade em derrotar os bandidos que cruzavam seu caminho. Sua força física encantou na época garotas, por ela não surgir do sobrenatural como a do Super-Homem, mas por sua habilidade, ainda que ela utilizasse objetos místicos como seus braceletes e o jato invisível, nenhum deles eram presentes, eram uma forma de aprendizado da Mulher-Maravilha (ROBINSON, 2005, p. 13). Todas estas características tornaram, posteriormente, a super-heroína em um ícone do Feminismo ainda que esta não fugisse de alguns estereótipos femininos.



Figura 2 – “Primeiro rascunho de Diana” de Harry G. Peter e “A Garota Varga” da revista *Squire*, montagem dos autores.

Fonte: LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

O desenvolvimento da imagem da personagem, diferente de sua história, foi baseado no estereótipo de beleza feminina da época, o que era um pré-requisito para heroínas e super-heroínas, na intenção de vender mais exemplares, levando a questionar quem era o público-alvo dessas revistas. Além de beleza, a Mulher-Maravilha usa um uniforme mínimo (Figura 2), impensável para uma batalha, como o tomara-que-caia. Do primeiro desenho feito por Peter da personagem (Figura 2) pouca coisa mudou ainda na década de 1940, as sandálias deram lugar para botas e o shorts folgados foram substituídos por outros mais justos, talvez pelo interesse de Marston em sua super-heroína se assemelhar às mulheres que apareciam nas revistas masculinas, como a Garota Varga (LEPORE, 2017, p. 242).

Ainda que a fantasia de poder tenha mudado (uma super-heroína pode tão forte quanto um super-herói) ela permanece sendo desenhada com um objeto aprazível de se olhar, coberta de estereótipos de beleza e roupas curtas. Diferente de seus parceiros da Liga da Justiça, a Mulher-Maravilha não possui muitos músculos, em diversas cenas ela é retratada com languidez, ou fazendo - o que o autor entende como - coisas de mulher: olhando vitrines de roupa.

Quase 40 anos mais tarde, influenciado pela segunda onda do Feminismo, chega às bancas de revista O Quarteto Fantástico, escrito por John Byrne, que tinha a intenção de modernizar a primeira família Marvel e focar a trama na Garota Invisível. Sue Storm (a Garota Invisível) surge em 1961 com o Quarteto, com os poderes de - como diz seu nome - ficar invisível, contudo a medida que seu uso se prolongava eles a deixavam mais fraca e indefesa. Sue, uma personagem que deveria assumir um papel de super-heroína, acaba se tornando mais uma vez uma vítima a ser salva por seu namorado Reed Richards, aquele que representa a fantasia de poder do homem forte e super-inteligente (OLIVEIRA, 2007, p 110).



Figura 3 – “Sue Storm” em Centro do Infinito de John Byrne.

Fonte: BYRNE, John. **A Mulher Invisível: O despertar da Mulher Invisível**. São Paulo: Salvat, 2015.

Já no quadrinho de 1980, Sue - já casada com Reed Richards e mãe de um filho - passa por uma lavagem cerebral causada pelo vilão, Homem-Psíquico, e acaba se tornando



a vilã Malice. Após quase derrotar o Quarteto Fantástico, Sue volta a si e começa a travar uma briga com seus companheiros, que não a davam voz grupo. Após muitos embates, Sue consegue salvar todos da manipulação do vilão e decide assumir a identidade de Mulher Invisível, não mais de Garota.

A personagem deixa o estereótipo bastante reforçado na década de 1960, de mãe e dona de casa exemplar da “Mítica Feminina”, e passa a questionar sua situação de submissão (Figura 3), mas isso só ocorre após ela sofrer abusos psicológicos, o que leva a indagar se uma mulher para mostrar-se forte, precisa sofrer algum abuso, ou passar por um teste. Pois é isso que acontece com Sue. Ela é tolhida por sua condição de mulher e precisou passar por mais provações para se “tornar” mulher.



Figura 4 – “Sue Storm” em Centro do Infinito de John Byrne.

Fonte: BYRNE, John. **A Mulher Invisível: O despertar da Mulher Invisível**. São Paulo: Salvat, 2015.

Outros aspectos presentes na história que atingem a criação, de fantasia de poder, da Mulher Invisível é a sua sexualização, além de parecer em poses sensuais, em sua versão de vilã (Malice, Figura 4), ela usa um uniforme que remete bastante ao movimento punk como inúmeros decotes que ressaltam sensualidade, impensáveis para uma roupa de batalha.

Com a chegada da quarta onda feminista as reivindicações por mais representatividade nos quadrinhos, a Marvel volta a introduzir Jane Foster como Thor, inicialmente protagonista em uma pequena história, como Deusa do Trovão em 1978. Diferente de sua versão anterior, a versão atual é feminista e sofre preconceito por ser uma mulher, o que não a impede de lutar como qualquer outro personagem, se machucar e sangrar em seus quadrinhos.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**4as** HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS  
22 a 25 de agosto de 2017  
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 5 – “Capa Thor: Reinos Ameaçados” desenhada por Russell Dauterman.  
Fonte: AARON, Jason. **Thor**: Reinos ameaçados. São Paulo: Panini, 2017.

Em sua revista solo de 2017, a Thor aparece em posição de poder já na capa (Figura 9) ao aparecer com músculos anteriormente tidos como apenas masculinos, enquanto Thor aparece mais abaixo na posição sexualizada que destinada não só a super-heroínas, mas a qualquer personagem feminina nos quadrinhos e filmes. Neste momento há a troca de estereótipos, a fantasia de poder masculina é apresentada por uma mulher.

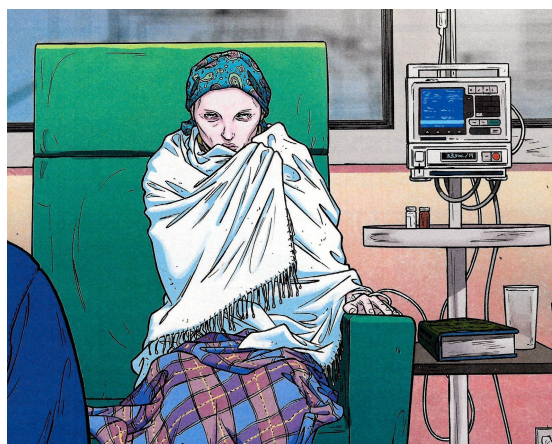


Figura 6 – “Jane na quimioterapia” desenhada por Russell Dauterman.  
Fonte: AARON, Jason. **Thor**: Reinos ameaçados. São Paulo: Panini, 2017.

A história da Thor junta-se com a de Jane Foster, sua identidade humana luta contra um câncer de mama e é representada de forma frágil, contudo Jane é decidida e assim como a Thor, está pronta para lutar e defender o que acha certo para manter a paz entre os reinos.

A dualidade entre as personagens, que ocupam apenas um corpo, se torna conflituosa quando tornar-se a Deusa do Trovão requer uma piora da saúde de Jane, mas independente deste embate psicológico sua versão humana continua a batalha como Thor, sem deixar de se perguntar “Até quando?”, características que humanizam mais a personagem e façam com que, principalmente leitoras se identifiquem com ela. Ainda a Thor quebre padrões sociais, ela representa um estereótipo dominante, de caucasianos, deixando à margem outras possíveis representatividades, contudo pode-se entender o projeto de uma Thor mulher como um fomento ou início para outros que atendam as minorias.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou abordar questões relativas a construção da fantasia de poder e as histórias em quadrinhos, como meio de disseminar esse conceito. Como resultado pode-se afirmar que os quadrinhos têm um papel importante na propagação dessa simbologia de “masculino” e “feminino”, principalmente de forma pictórica, que acabam instituindo e moldando seus personagens a partir de um papel do homem como o protagonista e a mulher como ajudante. Pode-se constatar que enquanto o homem fazia parte de padrões que o privilegiavam em histórias, cabia a mulher (ainda que tão poderosa quanto ele) o segundo plano na trama, frequentemente relacionando a ela padrões sociais de beleza, sexualização e até infantilidade, algo tem mudado com movimentos feministas, que questionaram o papel social da mulher e como a mídia ratifica estes padrões.

Ainda que o Feminismo tenha trazido mudanças, as histórias de personagens feministas, como a Mulher-Maravilha, Mulher Invisível e a Thor, foram escritas e desenhadas por homens, o que limita a construção de uma personagem feminina, por esta ser o olhar do homem sobre a mulher.

Pode-se afirmar também que as instituições sociais moldaram e moldam a representação feminina nos quadrinhos de super-heróis norte americanos, por meio de padrões sociais em constante atualização. Essa constante transformação de super-heroína revela uma insatisfação da maneira que a imagem da mulher é desenhada e difundida, revelando a importância das discussões e teorias feministas, que nos levam a desconstruir o que seriam esses padrões de gênero feminino e fantasias de poder nas histórias em quadrinhos.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, v. 1.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE  
**HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS**  
22 a 25 de agosto de 2017  
Escola de Comunicações e Artes da USP

BEDIN, CITTADINO, ARAÚJO; Gilmar Antonio, Gisele Guimarães, Florivaldo Dutra de. **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito**. 2015. 32 f. Monografia (Pós-Graduação) - Curso de Direito, UFMG, Florianópolis - Santa Catarina, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FAS@JUS. **RAMBO E MAYA: fantasia e realidade nas obras cinematográficas de Stallone e Bigelow**. Montes Claros, Minas Gerais: Faculdade de Direito Santo Agostinho, v. 3, n. 1, 2013.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FONSECA, Nathalia de Sousa. **Feminismo Insurgente: Ciberativismo e o alvorecer de Quarta Onda Feminista**. 2016. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social: Multimídia, Faculdade Estácio de Belém, Belém, 2016.

GAROTAS GEEK. **Quem é America Chavez, a nova líder dos Supremos?**. Disponível em: <<http://bit.ly/2xCGYs2>>. Acessado em: 10 set 2017.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do Espírito**. São Paulo: Editora Valores Ltda, 2001.

MADRID, Mike. **The Supergirls: fashion, feminism, fantasy and the history of comic book heroines**. Estados Unidos: Exterminating Angel Press, 2009.

McLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão de Homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. Revista História, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

ROBINSON, Lillian S. **Wonder Woman: Feminisms and superheroes**. New York: Routledge, 2004.